

O MERCADO PETROLÍFERO E SUA INFLUÊNCIA NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO EM 2026

Centro de Inteligência em Agronegócios da Universidade Federal de Lavras

Elaboração: Henrique Rayan Júnior, Pedro Lucas Barros Oliveira

Revisado por: Rodrigo Campos Delgado

Introdução:

O petróleo impacta, de forma direta e indireta, os custos do agronegócio brasileiro. Além do abastecimento de máquinas e frotas, sua presença está embutida na fabricação e no transporte de fertilizantes e defensivos, o que faz com que oscilações no preço do barril se traduzam rapidamente em pressão sobre toda a cadeia produtiva do setor.

Entre 2025 e 2026, esse cenário foi agravado por um ciclo de volatilidade impulsionado por ajustes na oferta da OPEP e pelo agravamento do conflito no Oriente Médio, que elevou o risco e reduziu a previsibilidade logística global. O resultado foi o encarecimento simultâneo do frete interno e dos insumos importados, afetando cadeias como soja, milho, café, algodão e pecuária de corte e corroendo parte das vantagens comparativas brasileiras em terra e produtividade.

Esta resenha analisa como essa relação de dependência se manifestou ao longo de 2025 e 2026 e quais estão sendo seus efeitos sobre o agronegócio brasileiro.

Situação Atual Do Mercado:

O comportamento do petróleo entre 2020 e 2026 foi marcado por ciclos de colapso e recuperação que reconfiguraram o patamar de custo de energia para o agronegócio. Em 2020, o Brent registrou as menores cotações desde 2004. A partir de 2021, a retomada econômica e os choques ligados à guerra na Ucrânia devolveram o barril a níveis superiores aos da pré-pandemia, patamar que se consolidou como o novo referencial de custo para o produtor rural.

No início de 2026, conflitos no Oriente Médio e o risco de restrição no Estreito de Ormuz levaram o Brent a superar 100 dólares por barril em alguns momentos de março, enquanto projeções do DoE ainda trabalhavam com acomodação na faixa de 50 a 60 dólares para o restante do ano. Essa divergência entre cenários é, em si, o principal fator de risco para o planejamento do produtor rural

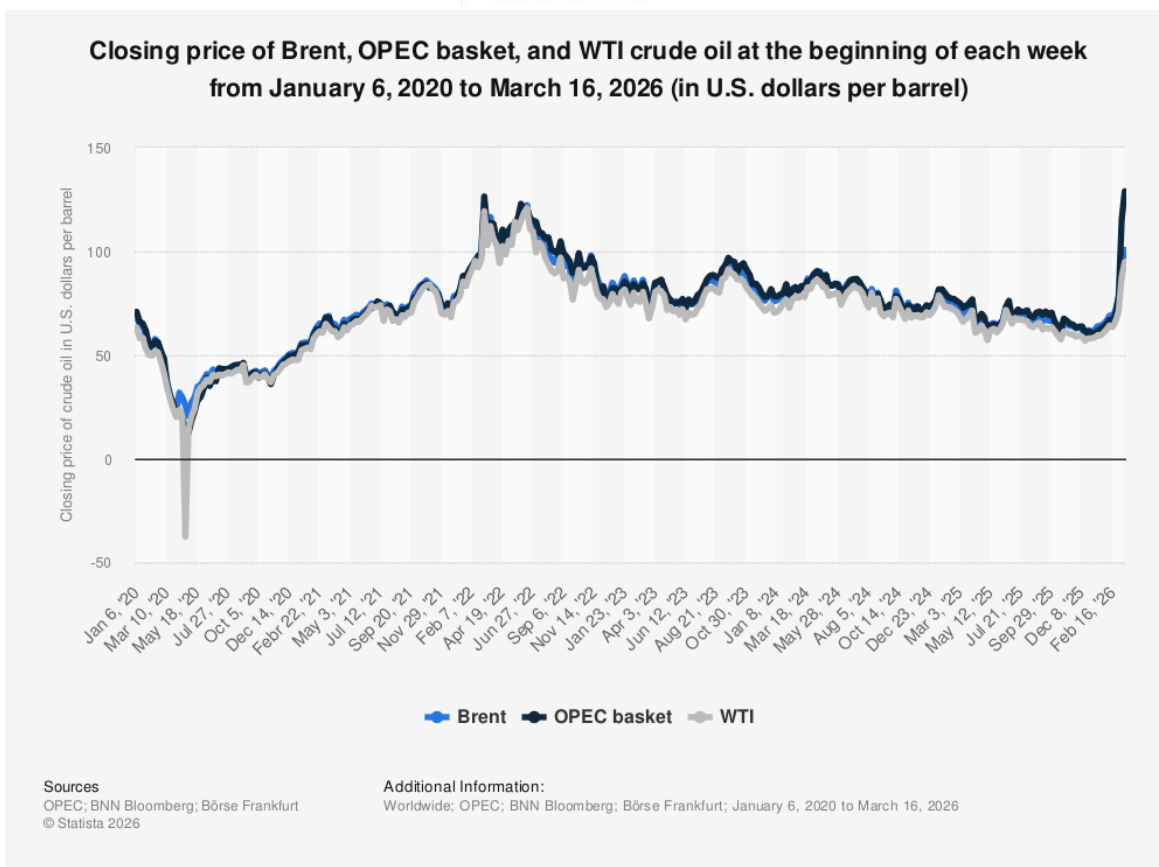


Figura 1 – Evolução do preço do petróleo Brent, 2020 – 2026.

Fonte: Statista, 2026

Impactos No Agronegócio Brasileiro

O encarecimento do petróleo não se traduz apenas em um choque pontual sobre o preço do diesel; ele amplia custos em múltiplas dimensões da cadeia agroindustrial.

A agropecuária brasileira é marcada por um uso intensivo de diesel, que responde por cerca de 73% da energia consumida diretamente no campo (Segundo FGV), índice superior à média global. Estudos técnicos sobre o custo de produção de milho safrinha em Mato Grosso do Sul, por exemplo, indicam que o gasto com óleo diesel pode representar cerca de 5,8% do custo total por hectare (Segundo a Embrapa), percentual que tende a crescer com o aumento persistente do preço do combustível.

Além do uso direto na fazenda, o peso do petróleo se amplia na etapa de logística, onde o transporte rodoviário responde por boa parte do escoamento da produção. Dados de mercado apontam que o custo com frete no agronegócio pode chegar a representar aproximadamente 30% a 40% do valor recebido pela soja (Segundo a SNA).

A dependência do petróleo não se limita apenas ao combustível utilizado nas máquinas e nos caminhões; ela atravessa, de forma indireta, a base de insumos químicos essenciais à produtividade agrícola. Muitos fertilizantes nitrogenados e diversos defensivos agrícolas têm sua cadeia de produção articulada ao gás natural e a derivados de petróleo, de modo que choques de preços no mercado de energia global se traduzem em encarecimento de insumos importados ou

de matérias-primas intermediárias.

Além disso, o Brasil mantém uma dependência significativa de fertilizantes importados, com estimativas que apontam a importação de mais de 70% de determinados tipos de fertilizantes (Segundo a Agrolink), o que expõe o setor a uma vulnerabilidade dupla: pela energia usada na produção e transporte dos insumos, e pela volatilidade cambial e logística associada a mercados externos.

Estratégias Para Lidar Com As Oscilações Nos Preços Dos Combustíveis

Blindar completamente o produtor contra a volatilidade do diesel é, na prática, impossível. O que se pode fazer é reduzir a exposição por meio de medidas concretas, organizadas por maturidade de implementação e impacto imediato, que não dependem de reformas estruturais para sair do papel.

A primeira delas é a diluição dos custos de transporte entre produtores. O modal rodoviário responde por 67% do escoamento de soja no Brasil, com custo médio 83% a 94% superior ao dos Estados Unidos e da Argentina, respectivamente, conforme dados da Embrapa. Diante dessa assimetria, a consolidação de centros de distribuição regionais e o uso de cooperativas para fretes compartilhados se destacam por corrigirem o problema sem demandar investimento de capital elevado.

A segunda medida, de horizonte um pouco mais longo, é o uso de tecnologia de precisão para reduzir o consumo de combustível na operação. O plantio direto, por exemplo, consome 29 litros de diesel por hectare no milho, contra 62 litros no sistema convencional, uma redução superior a 50%, conforme dados da Embrapa reproduzidos pela Syngenta Digital. O gargalo, porém, é real: o déficit de conectividade rural ainda restringe essa abordagem às propriedades capitalizadas do Centro-Sul, o que limita o alcance da medida justamente onde a vulnerabilidade é maior.

Para cobrir a exposição financeira enquanto essas duas frentes avançam, o travamento de preços via instrumentos financeiros cumpre papel imediato. Contratos futuros, opções e swaps negociados na B3 permitem ao produtor fixar o custo de insumos antecipadamente, reduzindo a imprevisibilidade do fluxo de caixa em cenários de alta do diesel. O instrumento já existe e está disponível, mas segue subutilizado, sobretudo entre produtores de médio porte com menor capacitação financeira, o que indica que o problema aqui não é de oferta, mas de acesso e formação.

Políticas Públicas e Cenários

Para que o agronegócio brasileiro efetivamente supere sua vulnerabilidade estrutural às oscilações do petróleo. No horizonte imediato, a elevação do mandato de biodiesel para B17 (defendida pela Frente Parlamentar da Agropecuária em março de 2026) é a medida de maior retorno marginal disponível. Com o arcabouço do RenovaBio já operacional (Lei nº 13.576/2017, ampliada pela Lei nº 14.993/2024) e o mecanismo de CBIOS funcionando, o que falta é a decisão política do CNPE, que está postergando a reunião sobre o adiantamento da B17 mesmo com a pressão do mercado.

Contudo, ampliar o blend sem garantir competitividade de insumos é insuficiente. É aqui que o Plano Nacional de Fertilizantes precisa sair do papel com urgência real. A meta de elevar a produção nacional para 45-50% da demanda interna até 2050 é correta em direção, mas insuficiente em velocidade diante de um consumo projetado no mesmo período. A reativação de plantas pela Petrobras e os investimentos em síntese verde são ações concretas que precisam de cronograma vinculante.

Enquanto essa agenda não avança, o setor continua exposto: 85% dos fertilizantes nitrogenados dependem de derivados petroquímicos importados, o que significa que o mesmo choque de preços que o biodiesel mitiga na ponta do combustível, reaparece na ponta do insumo.

Perspectivas Futuras

Para o ano de 2026, projeções do Banco Mundial e da Agência Internacional de Energia (AIE) sugerem preços médios mais baixos do que os observados nos episódios de forte alta pós-pandemia, com o Brent rondando 60 dólares por barril em um contexto de excedente de oferta e demanda global em desaceleração.

Em síntese, o futuro próximo do mercado petrolífero combina um provável alívio gradual nos preços com episódios recorrentes de volatilidade alimentados por tensões geopolíticas e pela transição energética em curso. Para o agronegócio brasileiro, isso implica que o petróleo continuará sendo um fator central na formação de custos e na competitividade externa, mas abre espaço para que políticas de biocombustíveis, investimentos em fertilizantes e estratégias de eficiência logística transformem o setor de refém da dinâmica do barril em protagonista de uma matriz energética mais diversificada.

Referências:

FUNDACAO GETULIO VARGAS. Agronegócio responde por 29% da energia renovável no Brasil, aponta estudo da FGV. São Paulo: FGV, 2025. Disponível em:

<https://portal.fgv.br/noticias/agronegocio-responde-por-29-da-energia-renovavel-no-brasil-aponta-estudo-da-fgv>

EMBRAPA. Artigo: o impacto do óleo diesel no custo de produção do milho safrinha em Mato Grosso do Sul. Brasília, DF: Embrapa, 2024. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/59834897/artigo-o-impacto-do-oleo-diesel-n-o-custo-de-producao-do-milho-safrinha-em-mato-grosso-do-sul>

SNA – SISTEMA NACIONAL DE CADASTRAMENTO DE PRODUTORES RURAIS. Custo com transporte no Brasil representa de 30% a 40% do valor recebido pela soja. Brasília, DF: SNA, 2025. Disponível em:

<https://sna.agr.br/custo-com-transporte-no-brasil-representa-de-30-a-40-do-valor-recebido-pela-soja/>

AGROLINK. Mais de 70% dos fertilizantes são importados no Brasil. Passo Fundo, RS: Agrolink, 2025. Disponível em:

https://www.agrolink.com.br/noticias/mais-de-70--dos-fertilizantes-sao-importados-no-brasil_483200.html

EMBRAPA. Soja: pós-produção – transporte. Brasília, DF: Embrapa, 2024. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/soja/pos-producao/transporte>

SYNGENTA DIGITAL. Plantio direto. Porto Alegre: Syngenta Digital, 2025. Disponível em:

<https://blog.syngentadigital.ag/plantio-direto>

BIOELSELSBR. CNPE cancela reunião sobre biodiesel. Aracaju: BioDieselBR, 2026. Disponível em:

<https://www.biodieselbr.com/noticias/regulacao/politica/cnpe-cancela-reuniao-sobre-biodiesel-110326>

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA. IEA slashes oil demand growth forecast for 2026. OilPrice.com, 11 fev. 2026. Disponível em:

<https://oilprice.com/Latest-Energy-News/World-News/IEA-Slashes-Oil-Demand-Growth-Forecast-For-2026.html>

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE ENERGIA. Global oil demand to rise more slowly as prices rally, IEA says. Reuters, 12 fev. 2026. Disponível em:

<https://www.reuters.com/business/energy/global-oil-demand-rise-by-less-than-expected-2026-02-12/>

BANCO MUNDIAL. Commodity Markets Outlook October 2025. Washington, DC, 27 out. 2025. Disponível em:

<https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2025/10/28/commodity-markets-outlook-october-2025-press-release>

BANCO MUNDIAL. World Bank's Global Oil Price Projections for 2026. Databoks, 6 jan. 2026. Disponível em:

<https://databoks.katadata.co.id/en/energy/statistics/695ce3c8c5401/world-banks-global-oil-price-projections-for-2026>

STATISTA. Crude oil price chart 2020-2026. 2026. Disponível em:

<https://www.statista.com/statistics/326017/weekly-crude-oil-prices/>